

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – *CAMPUS* ITAQUI
CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E
TECNOLOGIA**

DIANIFER DORNELES SOARES

**AS CAVALGADAS COMO RITUAL DA CULTURA GAÚCHA:
ESTUDO DE CASO EM ITAQUI NO RIO GRANDE DO SUL**

Itaqui/RS

2024

DIANIFER DORNELES SOARES

**AS CAVALGADAS COMO RITUAL DA CULTURA GAÚCHA:
ESTUDO DE CASO EM ITAQUI NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira

Itaqui/RS

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S676c Soares, Dianifer Dorneles

As cavalgadas como ritual da cultura gaúcha: estudo de caso em Itaqui no
Rio Grande do Sul / Dianifer Dorneles Soares. – 2024.

32 p. : il.

Orientador: Paulo Roberto Cardoso da Silveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Pampa, Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, Campus Itaqui, 2024.

1. Cultura gaúcha. 2. Cavalo. 3. Ritualização. 4. Cavalgadas. 5. Identidade
cultural. 6. Fronteira-Oeste, Itaqui/RS. I. Silveira, Paulo Roberto Cardoso da. II.
Título.


DIANIFER DORNELES SOARES

**AS CAVALGADAS COMO RITUAL DA CULTURA GAÚCHA:
ESTUDO DE CASO EM ITAQUI NO RIO GRANDE DO SUL**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 29/11/2024.


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **PAULO ROBERTO CARDOSO DA SILVEIRA**
Data: 09/12/2024 16:24:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira
Orientador
Unipampa

Documento assinado digitalmente
 **SANDRA REGINA CORACINI**
Data: 08/12/2024 23:09:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Sandra Regina Coracini
Unipampa

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO PATRICIO ESCALANTE DE BARROS**
Data: 10/12/2024 14:55:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marcio Patricio Escalante de Barros
Arquivo Público Estadual

“Um dia, quando eu me for,
rumbeando a querência eterna
onde bolearei a perna
Diante do meu criador,
não chorem o pajador,
do velho pago florido,
que há de cantar comovido
Até o último repuxo,
Porque só em nascer gaúcho
Vale a pena ter vivido!”.

Jayme Caetano Braun

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender a importância das cavalgadas como prática de ritualização da cultura gaúcha, utilizando-se como base empírica o município de Itaqui no Rio Grande do Sul. Através de uma abordagem qualitativa, busca-se analisar os significados simbólicos, sociais e culturais atribuídos a essas manifestações. A pesquisa se fundamenta na premissa de que a cavalgada, além de um instrumento de lazer, funciona como um rito de passagem e marcador identitário para os cidadãos e cidadãs que vivenciam a cultura gaúcha, sustentando nossa investigação na dimensão ritual. A revisão bibliográfica aborda a formação histórica da cultura gaúcha, a relação do gaúcho e o cavalo, a importância de Itaqui no movimento tradicionalista e as cavalgadas como ritual da cultura gaúcha. A coleta de dados envolveu observação participante na cavalgada da chama crioula de Itaqui/RS, entrevistas com cavaleiros experientes, além de análise de documentos históricos. A pesquisa mostrou que as cavalgadas são um universo rico e complexo, no qual tradição, cultura e comunidade se entrelaçam, na medida em que a modernização modela as comunidades rurais, é imprescindível reconhecer e preservar as tradições gaúchas.

Palavras-chave: cultura gaúcha; cavalo; ritualização; cavalgadas; identidade cultural; Fronteira-Oeste, Itaqui/RS.

ABSTRACT

The present study aims to understand the importance of the horse riding as a ritual practice in the Gaucho culture, using the municipality of Itaqui in Rio Grande do Sul as an empirical base. Through a qualitative approach, it seeks to analyze the symbolic, social, and cultural meanings attributed to these manifestations. The research is based on the premise that horse riding, in addition to being a utilitarian tool, functions as a rite of passage and identity marker for the Gauchos, supporting our investigation in the ritual dimension. The literature review addresses the historical formation of Gaucho culture, the relationship between the Gaucho and the horse, the importance of Itaqui in the traditionalist movement, and horse riding as a ritual of Gaucho culture. Data collection will involve participant observation in the Itaqui/RS Crioula Flame Horse Riding, interviews with experienced riders, and historical document analysis. The research showed that horse riding is a rich and complex universe, in which tradition, culture, and community intertwine, as modernization shapes rural communities, it is essential to recognize and preserve Gaucho traditions.

Keywords: gaucho culture; horse; ritualization; horseback riding; cultural identity; Western Frontier, Itaqui/RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do gaúcho e seu cavalo.....	16
Figura 2 – Registro cavalgada da chama crioula Fazenda Itu (2010).....	22
Figura 3 – Ilustração dos resultados obtidos na pesquisa.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS

Dr. – Doutor

Gen. – General

Prof. – Professor

Sr. – Senhor

LISTA DE SIGLAS

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1	O gaúcho e a dinâmica territorial do Rio Grande do Sul	12
2.2	Relação gaúcho-cavalo	16
2.3	Itaqui: berço do tradicionalismo	18
2.4	A cavalgada como patrimônio cultural em Itaqui	19
3	METODOLOGIA	23
4	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO	36
	APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE PESQUISA ORAL	37

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de explorar o vasto território da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e as lidas com o gado bovino impulsionaram o uso intensivo do cavalo como forma de transporte e instrumento de trabalho; mas o cavalo, para além de ser um animal de trabalho e transporte, é um símbolo fundamental na identidade e na cultura gaúcha. O presente trabalho tem como principal objetivo compreender a importância das cavalgadas como instrumento de ritualização da cultura gaúcha, na região da Fronteira-Oeste, especificamente em Itaqui/RS.

A investigação possui como objetivos específicos o resgate da formação histórica da cultura gaúcha e seus elementos característicos, a partir de análises da reprodução cultural, através da vivência da tradição gaúcha; este processo inclui os eventos de ritualização, onde o cavalo desempenha papel central. Além disso, pretende-se identificar e analisar simbologias presentes nessas práticas, como forma de compreender o significado que elas possuem para os participantes e como contribuem para a construção/reprodução da identidade gaúcha.

A relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a cultura gaúcha, especialmente em regiões da fronteira gaúcha com os países platinos, onde a tradição equestre está profundamente enraizada. A pesquisa contribuirá para a preservação da memória cultural e para a valorização das práticas tradicionalistas. Cabe salientar a presença marcante da cultura gaúcha na vida do município de Itaqui/RS, onde diversos eventos possuem expressiva participação popular, sendo espaços de ritualização importantes na consolidação de valores cultuados na chamada tradição gaúcha.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O gaúcho e a dinâmica territorial do Rio Grande do Sul

Muito se tem debatido, pesquisado e publicado, tendo como tema a história do Rio Grande do Sul; e nesse escopo surge a figura do “gaúcho” e a questão de sua historicidade e quais significados pode-se lhe conferir. Nas diferentes abordagens, a temática tem despertado curiosidade acadêmica e desafia as crenças propagadas na cultura gaúcha e, especificamente, pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Quando se aborda o Gaúcho, em uma versão possível¹, o seu lugar se transforma em uma epopeia forjada a ferro e fogo, trazendo consigo muitos fatos e interpretações, começando pela palavra “gaúcho” em si, pois a sua origem ainda pode ser amplamente discutida, quanto a etimologia da palavra; a maior evidência é que “gaúcho” surja da expressão “*Quéchua*” advinda da região dos Andes que, conforme Felde (1967), seria “HUACHU”, significando órfão ou seja filho do ventre indígena com forasteiros (portugueses e espanhóis que habitavam a região, após a tomada das missões pelo reino de Portugal).

Apesar das diferentes proposições do significado da palavra gaúcho, o que importa aqui é analisarmos o Gaúcho como expressão social, cultural e histórica; como diz o pesquisador Henrique Fagundes (2019): “Se nós pudéssemos falar uma única palavra sobre gaúcho, essa palavra seria: Adaptação”, pois o gaúcho aparece na história como uma mistura dos europeus aqui chegados com os povos originários e se estabelece nos Pampas².

Com o cavalo e o gado bovino, o Gaúcho domina a natureza sem modificá-la significativamente; produto histórico-geográfico do Rio Grande do Sul, o Gaúcho inicialmente nômade, vai constituindo um modo de vida adaptado às pastagens naturais, o qual vai se transformando com o cercamento dos campos³. De um “teatino” que vagueava pelos campos⁴, o entrecruzamento entre europeus (portugueses e espanhóis), povos

¹Existem entre pesquisadores divergências sobre a correspondência da representação imagética construída pelo MTG com os fatos históricos que explicam a constituição da sociedade do Rio Grande do Sul, muitas vezes, enfatizando o caráter mítico assumido por esta versão. Sobre esta temática ver KOPP; 2001.

²Nome das grandes planícies incultas da América do Sul, geralmente pastagens de gramíneas, com raros arbustos e árvores.

³Perda de liberdade dos gaúchos em vagar pelo “pago” (espaço caracterizado pela produção cultural gaúcha), constringendo-os a limitar-se aos domínios das estâncias ou permanecer alojados nas “beiras de estrada”; destaca-se o fato de que estes indivíduos não tiveram acesso à propriedade da terra.

⁴Segundo o historiador Tau Golim, esta característica deve-se a um grupo social que cumpriu a função de capturar o gado bovino existente nas missões Guarani (e livre após a guerra guaranítica e destruição das missões) e trazer para dentro das estâncias. Este grupo agia se movimentando pelos campos sem se fixar em algum local.

originários e descendentes de africanos aqui chegados escravizados, acabou forjando um sujeito social típico, inserido nas lidas campeiras da criação de gado.

Enquanto no sudeste e nordeste brasileiro já existiam algumas cidades já consolidadas, no Rio Grande do Sul ainda estávamos lutando para definir as fronteiras, vivendo em um espaço de conflitos em sequentes “refregas”; este é um dos motivos de sermos conhecidos por um discurso de saudosismo e exaltação, tendo como principal característica o enaltecimento da nossa cultura e tradição (marcadas pelas alegorias de bravura e sentimento indomável). Ao longo do tempo, os gaúchos foram desbravando seu espaço e em um processo migratório foram ocupando outras regiões do país, levando uma cultura que se descola do território que a gerou.

Estes sulistas, denominados de Gaúchos, espriam-se pelo país, levando consigo valores identitários. Na obra de Lunardi (2010), evidencia-se o começo da desterritorialização da cultura gaúcha, a qual ocorreu pelo esgotamento das fronteiras agrícolas possíveis para expansão da atividade agrícola e a busca por áreas que pudessem produzir de forma semelhante ao seu modo de vida que historicamente constituíram aqui no Estado⁵.

O grande fluxo da migração gaúcha em direção ao Mato Grosso representa, de certa forma, uma continuidade do processo de colonização agrícola em áreas de mata, que se iniciou com a expansão dos núcleos coloniais de imigrantes europeus do Sul do Brasil. A densidade migratória para Mato Grosso se deu durante os anos de 1950 e 1960, dada a atração pelo cultivo de arroz sequeiro, tido como cultura desbravadora, que, na década de 1970, foi substituído pela soja, que encontrou estímulos especiais na política agrícola oficial e na valorização do produto no mercado internacional. A estes fatores, pode ser associado o pioneirismo e a tradição dos colonos do Sul na cultura da soja (Haesbaert, 1997 p. 12).

Este processo migratório tem relação com a escassez de terra, onde as famílias não conseguiram expandir a atividade agrícola e atender a expectativa de renda. Ocorre, assim, o processo que chamamos de reterritorialização, envolvendo a reconfiguração, tanto de espaços, como de identidades, especialmente no contexto cultural, a qual se manifesta através de formas como a luta pela terra, a construção de novas identidades territoriais e a (re)valorização de práticas culturais (reproduzidas em processos de ritualização constantes).

Na obra de Chelotti (2010), salienta-se a reconstrução de laços de identidade e pertencimento a um lugar por parte de grupos sociais, uma maneira ativa de (re)construção de

Este grupo social marginalizado na sociedade riograndense se torna o símbolo maior da construção mítica operada pelo MTG (GOLIM, 1983).

⁵ Aqui os autores se referem à gaúchos como aqueles que ocupavam o território do Rio Grande do Sul em uma agricultura familiar tradicional no estado a partir do estabelecimento dos colonos Alemães e Italianos ainda no século XIX, além de outras etnias minoritárias.

um território a partir de suas experiências, valores e práticas culturais. Chelotti utiliza o caso da Campanha Gaúcha como exemplo para analisar o processo de reterritorialização, pois nesta região a luta pela terra e instalação de assentamentos de reforma agrária, após a década de 1990, acabaram desencadeando uma nova dinâmica territorial.

Os movimentos ocorridos expressaram uma nova identidade territorial e, conseqüentemente, a cultura parte como uma metamorfose no espaço em que se encontravam, com as lutas que ocorreram, o olhar muda e dá espaço para novas narrativas; passa-se a valorizar a cultura e a luta por seus direitos, onde a cultura gaúcha é reinterpretada e adaptada a esse novo contexto, gerando novas expressões.

Por esse motivo, a cultura gaúcha se transformou ao longo dos anos, pois a reterritorialização contribuiu para ressignificar os símbolos e as práticas culturais, como a música, a dança, o vestuário e as formas de ritualização da cultura, incorporando novos significados. Neste processo, deixa-se de ser um povo que estava apenas lutando por seu lugar, assumindo-se como um povo que tem orgulho de suas origens e também valoriza a diversidade de identidades. Hoje o “gaúcho” é um mosaico cultural que se origina de uma mistura de povos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul ao longo dos séculos, dando origem a um povo único com tradições e costumes peculiares.

Torna-se fundamental assinalar que a origem de uma “cultura gaúcha”⁶ (na forma como se organizou no MTG), assenta-se em uma especificidade territorial localizada na denominada metade sul do estado, onde em um Bioma específico dos Campos Limpos, estabeleceram-se as “Estâncias de Sesmarias”, onde a criação de gado a base de pastagens naturais cria um habitat para alocar-se o que se representa como “ser Gaúcho”.

Esta cultura assentada em uma tradição sistematizada, com o decorrer do tempo, é adotada pelo povo riograndense das diversas regiões como forma de identidade, a qual hermana todos em um mesmo cultuar do passado mítico que fundamenta este conjunto de elementos que visam, historicamente, caracterizar e diferenciar o gaúcho. Como afirma Kopp (2001), houve a necessidade de uma identidade comum para as diferentes etnias que povoaram o território do Rio Grande do Sul, sendo adotada a versão construída e mantida com a liderança do MTG como forma de representação que dê unicidade às diferenças. Isto

⁶Aqui seria mais adequado falarmos de Tradição e não de cultura; tradição é algo que se refere a um passado vivido (ou construído) que se deve cultuar e valorizar. Não se deve contrapor os fundamentos da tradição, mas reverenciá-la. Quando consideramos que existem pessoas e grupos sociais no espaço territorial do Rio Grande do Sul que não se referenciam (e às vezes desconhecem ou até são críticos a esta tradição), a sua produção cultural faz parte também da cultura Gaúcha. Expressivo aqui seria o caso do movimento nativista que propunha uma leitura diferenciada da tradição gaúcha, mas que foi importante contribuição para a cultura gaúcha.

fornece o sentimento de um pertencimento comum, mesmo que para muitos grupos não apresente representação histórica e socialmente consistente.

Neste sentido, visando fortalecer esta “cultura” como forma identitária assumem relevância rituais como as cavalgadas, desfiles e rodeios, os quais ocorrem em todo estado e na semana Farroupilha as festividades espriam-se por todos cantos do Estado. Antes da tradição gaúcha se desterritorializar para outras regiões do País, ela vivenciou processo de desterritorialização no cenário interno do estado, onde suas simbologias descolam-se de qualquer substrato geográfico, ou seja, sócio-territorial. A série "A Formação da Identidade do Gaúcho" (Assembleia Legislativa - RS, 2019), apresenta a característica da cultura gaúcha (sistematizada em uma tradição supostamente representativa do passado riograndense), que forneceu a ela as condições para hoje ter transposto as fronteiras do País, fazendo parte das vivências e crenças que os “gaúchos” (independentemente de onde vem) carregam na bagagem quando emigram⁷.

Este processo permite que as vivências (e também participação nos rituais) se estruturam como processo identitário; deste modo, a ritualização da tradição gaúcha consegue atrair urbanos (que nunca tiveram vivência no campo e em lidas campeiras) e pessoas que nunca estiveram no Rio Grande do Sul. Encontrar resposta sobre quais elementos fornecem esta capacidade à cultura gaúcha extrapola o escopo deste trabalho, mas deixa-se a hipótese de que as simbologias ou representações que constituem a Tradição Gaúcha não são inextricavelmente associadas a dimensão sócio-espacial, portanto, favorece a desterritorialização.

⁷ Este mesmo fenômeno de transposição sócio-espacial se percebe quando observamos a existência de CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) no estado da Bahia e no Japão.

2.2 Relação gaúcho-cavalo

Figura 1 – Imagem do gaúcho e seu cavalo



Fonte: Iserhart. j.d. Foto por rafaelly machado.2020.

Na obra “Contos Gauchescos” de Simões Lopes Neto, ao descrever-se a vida do gaúcho nas tropeadas, retrata-se a solidão da estrada e a beleza da paisagem, enfatizando-se a relação dele com a natureza. A percepção do gaúcho como “sem rumo” constitui-se em uma generalização que carrega consigo nuances históricas (sendo importante analisar com cuidado, considerando as diferentes perspectivas e contextos), pois muitos gaúchos vagavam lutando para obter “seu lugar” e/ou viviam seguindo o gado em busca de pastagens; isto traz a imagem de uma pessoa sem lar fixo, transcendendo a ausência de restrições para deslocar-se pelo “Pampa”, o que seria uma especificidade da figura do gaúcho. Segundo o pesquisador Carlos Reverbel (1986), gaúchos são andarengos, campeiros que não se aquerenciavam em parte alguma, vivendo no lombo do cavalo, sem rumo e sem pouso certo. Sem dúvida, esta foi uma imagem que ficou do passado.

Tanto o gaúcho, como o cavalo, em suas representações culturais na história, tem sua imagem associada à liberdade e, por esse motivo, é inevitável falar do gaúcho e não citar o cavalo; assim, como o gaúcho, o cavalo é símbolo de força e agilidade, representando também a liberdade de movimento. No artigo de Kosby (2017), convida-se a uma reflexão sobre a identidade gaúcha e a intrínseca ligação com o cavalo, desvendando uma dimensão histórica e cultural que molda essa relação ao longo dos séculos. O cavalo além de ser utilizado para o trabalho tornou-se uma extensão do gaúcho, demonstrando que a montaria vai além de uma

atividade (da lida campeira) e se tornou uma expressão cultural e social. Kosby ao comparar a figura do centauro mítico com a do gaúcho montado em seu cavalo, estabelece uma ponte entre o passado e o presente, entre aquilo que é símbolo e o real, explorando a conexão entre o homem e o animal inseridos em uma cultura. O termo “domesticatório” ao qual a autora utiliza, refere-se a construção histórica da identidade gaúcha, a qual está intimamente ligada a domesticação do cavalo, relação esta que se modificou ao longo do tempo e o que era visto como trabalho ou meio de sobrevivência, hoje é mais explorado em práticas culturais, o que observa-se nas cavalgadas.

A ligação entre o gaúcho e o cavalo transcende a mera companhia, é um vínculo profundo que moldou a identidade do gaúcho e deixou marcas na história no Rio Grande do Sul; a montaria para o gaúcho é muito mais que habilidade, é uma forma de vida, como se observou com os tropeiros gaúchos, os quais a partir da expansão da pecuária na então Província de São Pedro, se tornaram responsáveis por levar o gado para outras regiões do Brasil, onde havia uma grande demanda por animais para o trabalho e para alimentação. A relação entre o gaúcho e o cavalo é construída com base na confiança mútua, no cuidado e na comunicação não verbal, o que ao longo dos anos evoluiu, dando origem a um conjunto de habilidades que se tornaram parte da identidade gaúcha, transmitidas de geração em geração, sendo parte fundamental na preservação da cultura gaúcha. Como diz Barbosa Lessa (1958), uma influência no tradicionalismo gaúcho, o qual dedicou sua vida a retratar a cultura gaúcha, através de sua escrita, inspirando gerações de tradicionalistas:

Se não for pecado falarmos generalizadamente em “o gaúcho”, como uma figura estereotipada, diríamos que ele era bem satisfeito desde que tivesse um bom cavalo, bem arreado. A paixão pelo animal, a necessidade de domá-lo e a de utilizá-lo como instrumento de trabalho e de lazer, constituem um dos traços mais característicos do gaúcho (Lessa, 1958, p. 42).

Desta forma, percebe-se que o cavalo é um elemento fundamental dentro do complexo cultural gaúcho e envolve forte componente afetivo; apesar das transformações ocorridas ao longo do tempo, a figura do gaúcho montado em seu cavalo continua um ícone da cultura gaúcha. No entanto, a modernização da vida rural e as mudanças de comportamentos observados, traz novos desafios para a preservação desses rituais que cultuam as tradições, exigindo olhar atento e buscando formas de manter viva a chama da tradição gaúcha.

2.3 Itaqui: berço do tradicionalismo

O município de Itaqui situa-se às margens do Rio Uruguai, fazendo divisa entre Brasil e Argentina, no oeste do Rio Grande do Sul, tendo a primeira evidência de sua existência como agrupamento populacional, através de uma extensão da missão jesuítica espanhola de La Cruz por volta de 1700. As famílias que se estabeleceram no município presenciaram várias lutas durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), bem como, da Guerra do Paraguai (1865), o que torna a cidade importante na história do Rio Grande do Sul; e, conseqüentemente, da história do gaúcho, uma vez que há evidências de indígenas que habitavam esse território e deve-se lembrar que a figura do gaúcho nada mais é que uma miscigenação entre indígenas, europeus e africanos⁸.

A expressão “Itaqui – um berço do tradicionalismo” aparece no livro *Chama da tradição*, onde o autor Márcio Patricio Escalante de Barros justifica a frase com pelo menos dez fatos concretos; estas evidências foram utilizadas como justificativa no projeto “Itaqui Tchê Espera” que possibilitou o município ser sede do 63º Acendimento e Distribuição da Chama Crioula do Estado em 2010. Esse evento acontece todos os anos no Rio Grande do Sul (as cidades as quais irão receber a chama crioula já estão definidas no site do MTG até 2046) e marca o início dos festejos da semana farroupilha em todo o estado, incluindo o acendimento e distribuição da chama crioula, um dos símbolos mais importantes da cultura gaúcha, a qual representa a história, a tradição e o espírito do povo-riograndense. Nesse contexto, Itaqui teve sua representatividade com o Itaquiense Orlando Jorge Degrazia, o qual foi membro do Grupo dos Oito, liderado por Paixão Cortes em 1947, tornando-se um dos fundadores do MTG, os quais acenderam pela primeira vez a chama crioula; neste momento, aconteceu a primeira cavalgada conduzindo a chama crioula, evento que se repete anualmente por diversos municípios do estado.

Além disso, o município contribuiu para o fortalecimento do movimento, pois na fundação do mesmo (1966), em Itaqui já havia Centros de Tradições Gaúchas (CTGs): o CTG Bento Gonçalves e o CTG Rincão da Cruz. Por esse motivo, para o pesquisador/autor Márcio Escalante de Barros (2021), Itaqui é um berço do tradicionalismo:

Porque aqui está a essência desse grandioso movimento organizado, que sempre teve como princípio básico o legado de heróis republicanos de liberdade, igualdade e

⁸ Os negros entraram no Rio Grande do Sul como os primeiros casais que povoaram o local e com alguns oficiais militares, na condição de escravos.

humanidade. Norteado na sua plenitude no que rege a “Carta de Princípios”, por isso permanece sempre ativo, aquecido por uma chama que está permanentemente acesa nos galpões de nossas estâncias e especialmente no coração de cada itaquiense.

Assim, o reconhecimento histórico que o município possui não é por acaso, há diversos acontecimentos cruciais para a consolidação do tradicionalismo, como já citado, o pioneirismo no primeiro CTG e também a realização do primeiro Congresso Tradicionalista em 1954. Além disso, há alguns eventos do meio tradicionalista na cidade, os quais chamam pessoas de diversas localidades para prestigiar; entre eles, podemos citar a Cavalgada da Mulher Gaúcha de Itaqui consolidada em 2001, contendo edições anuais no mês de junho e que, em 2015, se tornou a Associação Recreativa Cultural Cavalgada da Mulher Gaúcha de Itaqui e hoje conta com mais de 200 cavalarianas associadas ativas. Deve-se salientar que este evento tem um impacto no tradicionalismo, o qual por muito tempo teve sua narrativa dominada pela perspectiva masculina.

Além do impacto cultural, os festejos geram movimentação econômica significativa tanto para o Município, como para o Rio Grande do Sul como um todo, fortalecendo não apenas o comércio local, mas também promove a valorização de negócios que enaltecem a tradição gaúcha, como por exemplo, costureiras e lojas de artigos gaúchos como pilchas e encilha para equinos.

A cidade de Itaqui possui vínculo histórico profundo com o MTG e sua influência se estende por diversos aspectos da vida local; por isso recentemente foi aprovado Projeto de Lei Estadual nº 69/2024 de autoria do Deputado Frederico Antunes, o qual declara Itaqui “Berço do Tradicionalismo”; reforça-se ainda mais que a realização de eventos tradicionalistas, a presença de Itaquienses na história e a manutenção da chama crioula (a qual se mantém acessa ininterrupta há mais de 40 anos), convergem para que Itaqui seja um verdadeiro “berço do tradicionalismo”. Sua história e cultura servem de exemplo a outras localidades que buscam preservar suas raízes e influenciar as novas gerações, garantindo que a cultura permaneça viva.

2.4 A cavalgada como patrimônio cultural em Itaqui

O Rio Grande do Sul tem uma cultura diferenciada dentro de um país multicultural como o Brasil; há diferentes formas de cultivar e preservar a cultura gaúcha, sendo a ritualização, através da cavalgada, um processo que inicialmente surge como função prática/trabalho (no caso dos gaúchos um ato de cavalgar para levar gado a outras localidades,

o tropeirismo⁹) e vai adquirindo significado simbólico e social, carregando consigo um conjunto de valores, crenças e emoções; e isso constitui o ritual de cavalgar e participar de cavalgadas.

Historicamente, conforme Valerio (2023), o tropeirismo marcou o desenvolvimento social/econômico do Rio Grande do Sul, uma prática fundamental para a lida com o gado e transporte de mercadorias em grandes distâncias, mas com a mecanização da agricultura e expansão da malha rodoviária, a necessidade das tropeadas diminuiu significativamente. Diante deste cenário, as cavalgadas se transformaram em uma expressão cultural que vai além da sua função utilitária original. As cavalgadas iniciaram como manifestações locais e ao longo dos anos foram se tornando regionais, até que tomou espaço na programação do MTG, onde hoje em dia há uma diretoria de cavalgadas.

O aspecto simbólico-cultural se expressa de várias formas, pois além do ato de cavalgar ser uma atividade recreativa, ela carrega consigo um profundo significado cultural, principalmente quando se considera o contato com a natureza, estabelecendo uma conexão única entre homem e o meio ambiente, assim como também, o juramento no momento em que um cavaleiro decide se juntar à diretoria de cavalgadas como membro; o juramento dos novos cavalheiros ecoa como um compromisso profundo com a tradição gaúcha, especialmente quando afirmam: “pela minha honra de gaúcho cumprirei com a minha obrigação de cavaleiro(a) me incorporando na luta pela preservação da formação gaúcha e da filosofia do movimento tradicionalista”.

Esse compromisso com a tradição gaúcha e seus valores, com o passar do tempo, foram crescendo e, no município de Itaqui, assume destaque no que tange ao evento da chama crioula, representando um dos momentos mais emblemáticos do tradicionalismo gaúcho, seguindo viva a tradição; o evento ocorre anualmente unindo a comunidade em torno de um símbolo poderoso para os gaúchos que é a chama crioula¹⁰. Conforme a Prefeitura Municipal de Itaqui (2021), a história da Chama Crioula em Itaqui iniciou em 1951, quando o primeiro fogo simbólico foi aceso no antigo arsenal da marinha, a Flotilha do Alto Uruguai; a escolha desse local, às margens do Rio Uruguai, demonstra a importância do município para a história do Rio Grande do Sul.

⁹ Foi uma atividade econômica fundamental no Rio Grande do Sul e em outras regiões do Brasil, especialmente durante os séculos XVIII e XIX. Consistia em longas jornadas realizadas por homens a cavalo, conhecidos como tropeiros, que conduziam grandes rebanhos de gado por diversas regiões do país.

¹⁰ É uma expressão da cultura gaúcha, tratando-se de uma chama que é acesa previamente aos festejos da Semana Farroupilha e levada para cada uma das 30 regiões tradicionalistas espalhadas pelo Rio Grande do Sul.

Ao longo dos anos, a tradição se consolidou e, em 1970, a chama passou a ser acesa no local denominado “Capão da Laranjeira” no município de São Francisco de Assis e conduzida até a Praça Central da nossa cidade pela Brigada Militar e um grupo de cavalarianos.

Salienta-se a importância histórica desse local que foi palco de um combate da Revolução Federalista em 1894 (que resultou na morte de um importante comandante federalista, o “Gen.” Gumercindo Saraiva), justificando a relevância atribuída pela Brigada Militar a esse ato simbólico, pois a mesma teve um papel importante, atuando na revolução em apoio ao governo republicano que era opositor dos federalistas.

Uma pesquisa realizada para a revista da Semana Farroupilha de Itaqui em 2010, o pesquisador Márcio Barros afirma que, em 1980, o pesquisador e Médico Sany Fontoura Silva propôs que fosse acesa a Chama Crioula em uma estância no interior do município, permanecendo acesa durante todo o ano. Segundo o pesquisador, essa estância deveria possuir relevância histórica para a cidade, sendo então que a Estância Alto Uruguai foi a escolhida para o ritual. Pahim (2006), em entrevista ao programa Paralelo Sul da TVE, corrobora essa informação, destacando que a estância foi alvo de incêndios durante as cruzadas dos exércitos na Invasão Paraguaia (1865), ressaltando a importância histórica do local. Ao integrar a chama crioula e as estâncias, o patrimônio imaterial se fortalece, bem como a identidade itaquense e a preservação da tradição gaúcha, pois do passado é possível extrair a força para formação identitária.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bosi, 2003, p. 36).

A chama crioula, como patrimônio imaterial e símbolo cultural, foi ganhando força em Itaqui. Em 1982, de acordo com a Prefeitura Municipal de Itaqui (2021), um marco importante: a Estância Silêncio, então hospedeira da chama, propôs a condução da chama por cavalarianos; desde então, a chama permanece acesa durante todo o ano em uma estância especialmente escolhida e, ao final de cada período, uma nova estância é selecionada para que dê continuidade à tradição. A partir da estância a centelha da chama é conduzida por cavalarianos até a cidade, originando a tradicional cavalgada da Chama Crioula que perdura até os dias atuais.

Há 42 anos essa tradição se perpetua na cidade de Itaqui; Saraiva (1968) afirma que a semana farroupilha é o período anual que deve ter maior pujança, pois salienta-se o civismo

gauchesco e o culto a maior expressão histórica da nossa terra que é a Revolução Farroupilha. E essa tradição é muito forte no município, uma vez que a Chama Crioula mobiliza milhares de cavalarianos duas semanas antes da Semana Farroupilha, em um ato que inflama o ânimo da comunidade. A chegada da centelha à cidade marca o início oficial das festividades, reunindo gaúchos e visitantes em torno das tradições e da história do Rio Grande do Sul.

Sendo assim, a trajetória da chama crioula de Itaqui revela uma emaranhada relação entre história, tradição e identidade. Nascida de um ato simbólico de resgate à memória, a chama evolui para um ritual que mobiliza toda a comunidade; a escolha de locais históricos para sediar a chama, demonstra a busca por conectar o presente ao passado, conferindo um caráter mais significativo ao evento. Inspirado nas palavras de Paixão Côrtes, podemos afirmar que a Chama Crioula representa o calor que aquece o coração e a alma gaúcha, fortalecendo a identidade cultural do povo gaúcho; e a cavalgada só traz mais brilho a esse espetáculo grandioso, representando o compromisso com a preservação da cultura gaúcha.

Ao percorrer as estradas, os cavalarianos não carregam apenas “um fogo”, mas também valores e costumes que moldam a identidade do gaúcho. Essa jornada repleta de simbolismo, fortalece os laços daqueles que participam, reafirmando a importância de manter viva as tradições e, ao longo dos anos, tem se mostrado capaz de se adaptar aos novos tempos sem perder sua essência.

Figura 2 – Registro cavalgada da chama crioula Fazenda Itu (2010)



Fonte: Arquivo pessoal.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa de natureza exploratória pretende entender melhor o objeto de estudo e, com abordagem qualitativa, visa explorar significados e perspectivas das pessoas envolvidas nas cavalgadas em Itaqui/RS, enquanto manifestações culturais que expressam a cultura gaúcha. Para tanto, a pesquisa inicia-se com levantamento bibliográfico sobre a cultura gaúcha, os processos de ritualização e a relação entre cultura-território, proporcionando uma base teórica para a análise dos dados coletados.

Em um segundo momento, realizou-se uma observação participante na Cavalgada da Chama Crioula do município de Itaqui/RS, visando observação direta das práticas e interação com participantes. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em dois momentos: com participantes da cavalgada em que a autora participou, sendo aplicadas com escolhidos de forma assistemática; e, posteriormente, realizou-se entrevistas com cavaleiros experientes, padrões de CTGs, participantes e líderes de cavalgadas, visando à compreensão dos significados e valores atribuídos à prática.

A investigação incluiu a análise documental, buscando-se informações em estudos já realizados sobre a tradição gaúcha, principalmente, em Itaqui; e consulta a documentos antigos sobre a tradição gaúcha no município e a prática de cavalgadas no município de Itaqui.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados, coletados por meio da revisão de literatura, análise de documentos históricos e da pesquisa de campo, foram analisados qualitativamente, utilizando-se a técnica de análise de conteúdo. Essa abordagem permitiu identificar temas, categorias e padrões que nos conduzem à compreensão dos significados atribuídos pelos participantes à prática da cavalgada.

Através da análise da literatura buscou-se compreender como, historicamente, formou-se uma “cultura gaúcha” sobre a conformação de um território específico, o qual permite ancorar o personagem denominado “o Gaúcho” e sua simbologia. Ao demonstrar esta construção histórica, evidenciam-se elementos da tradição gaúcha, a qual se estrutura como fenômeno inter-temporal com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Deste modo, a tradição gaúcha como construção social exige para sua reprodução (como qualquer matriz cultural), rituais que mantêm vivos no presente memórias do passado (seja mítico ou concreto).

Para adentrar na compreensão dos rituais e suas funções de tornar permanente o que se viveu no passado, sempre com transformações e adaptações¹¹, recorreu-se além da literatura, a documentos históricos, principalmente os que se referem ao município de Itaqui como base empírica que dá efetividade espacial aos rituais aqui tomados como objeto de estudo, enfatizando-se as cavalgadas.

Através da observação participante e a interação com os presentes no evento da cavalgada da chama crioula de Itaqui/RS, constitui-se a primeira etapa da coleta de dados. Neste evento, realizaram-se entrevistas com aqueles que interagimos (amostra escolhida pelo acesso privilegiado). A análise dessas entrevistas revela um universo rico de significados e emoções associadas a esse ritual da tradição gaúcha, onde os depoimentos evidenciam a importância da cavalgada como elemento central da identidade cultural gaúcha, além de destacar os laços sociais e familiares que se fortalecem por meio dessa prática. Alguns pontos em relação ao significado e motivação em participar ficaram muito claros em cada diálogo que tivemos durante o evento, sendo que a grande maioria dos entrevistados mencionou a

¹¹ As cavalgadas atuais assumem a função de rememorar a relação homem-cavalo como par historicamente relevante ao cortar distâncias no cotidiano dos tropeiros e no transporte de mercadorias, isto em períodos pretéritos; também se percebe uma referência às lidas campeiras, as quais muitas vezes não foram vivenciadas pelos atuais cavaleiros, mas que ocupam lugar no complexo ritual que conforma a chamada tradição gaúcha.

importância de preservar as tradições gaúchas, pois a prática é vista como forma de honrar os antepassados e manter viva a “cultura gaúcha”.

Os depoimentos salientam os laços sociais e familiares, sendo importantes esses encontros ao proporcionar o compartilhamento de momentos especiais; também se evidenciam a conexão com a natureza, a vivência no campo, representando aspectos valorizados entre os participantes da cavalgada; salientou-se que a cavalgada é vista como um momento para se conectar com a natureza e com a simplicidade da vida rural. Observou-se que a participação na cavalgada contribuiu para a construção da identidade pessoal dos participantes, sentindo-se parte de um grupo e de uma tradição.

Com relação ao símbolo do cavalo no evento, os entrevistados destacaram o papel central do mesmo, como símbolo da cultura gaúcha; também foi destacado o animal como companheiro, parceiro e o elemento fundamental para a realização do evento. Os entrevistados apontaram alguns desafios enfrentados pelo movimento no município, como a falta de apoio das autoridades no que tange às estruturas e verbas para auxiliar na realização do evento; a comercialização da tradição foi uma preocupação que surgiu durante as entrevistas, a qual pode acabar por desvirtuar os valores tradicionalistas e a preservação da tradição. Enfatiza-se a preocupação em poder passar para as próximas gerações os valores que esses eventos como espaços ritualísticos trazem consigo.

A partir deste conjunto de informações, decidiu-se aprofundar a compreensão das experiências dos cavaleiros e os significados atribuídos às cavalgadas em Itaqui/RS, adotando-se uma abordagem qualitativa, utilizando-se da realização de entrevistas semiestruturadas com cavaleiros/praticantes experientes sobre as cavalgadas; questionou-se a importância da tradição gaúcha e os laços sociais estabelecidos nesse contexto, através de três referências do tradicionalismo local:

- a) o Sr. João Azevedo é um tradicionalista gaúcho com uma história rica e intensa ligada ao universo equestre, criado no campo desde cedo desenvolveu paixão pelo cavalo e pelas cavalgadas, afirmando que cavalgada para ele representa “tudo”;
- b) a Sra. Marly Costa que desde a infância foi imersa no mundo equestre graças à influência de seu pai e seu avô, tradicionalistas; sendo que essa vivência marcada por viagens ao interior e contato com a cultura gaúcha, despertou em Marly um profundo amor pelos cavalos e pelas tradições, tornando-se uma das fundadoras da primeira cavalgada feminina em Itaqui/RS;

- c) o Sr. Lourenço Vargas é um tradicionalista participativo e engajado no movimento tradicionalista de Itaquí, foi patrão dos dois CTGs hoje existentes em Itaquí e também foi coordenador da 3º Região Tradicionalista.

O entrevistado, Sr. João Azevedo, demonstra uma profunda conexão com os cavalos desde a infância. Ao relatar sua experiência, ele afirma: *"Fui guri criado para fora, sempre gostei muito de cavalo e meu pai mandava domar cavalo, mas sempre quem terminava a doma era eu, sempre com meu pai ensinando, mas sempre tive a vontade de ter um cavalo pra mim, mas meu pai sempre dizia que não precisava"* (AZEVEDO, João, informação verbal, 2024). Essa vivência desde cedo, impulsionou seu João a trabalhar nas plantações do seu pai para realizar seu sonho: ter um cavalo. Com o dinheiro da venda de batatas, ele finalmente pode adquirir seu primeiro cavalo, com apenas 16 anos de idade. Desde então ele relata que sempre teve cavalo, trabalhou na lida de campo em algumas fazendas, passou o tempo e João conheceu sua esposa, a qual é casado até hoje; e em 1973 veio morar em Itaquí, ao chegar na cidade de pronto se associou ao CTG Cristóvão Pereira de Abreu.

João em virtude de trabalho ficou um pouco afastado das cavalgadas, mas não do tradicionalismo, foi quando abriu uma loja de ferramentas e pode continuar participando a partir de 1988; ele conta:

"Me lembro bem que em 1992 viemos na Chama do Caco Viçosa, ai eu comecei a participar sempre de cavalgadas, andamos por volta de 1994 participando das cavalgadas das Missões realizada pelo Vicente Tim, primeira foi de Vitoria das Missões na época Colônia Vitoria e viemos aqui para Itaquí em 1994; em 1995 nós fomos na chama daqui de Itaquí para Porto Xavier, e depois andamos nas Missões em 1996, também em Agosto de 1997 fazia 50 anos da chama crioula acesa, pois tu sabe que ela início em 1947, como nós tinha no grupo dos 8 um Itaquense Orlando Jorge Degrazia, ai ele organizou e o Paixão Cortes e o Ciro Dutra que estavam vivos participaram; eles organizaram para nós ir na Cavalgada de 50 anos da Chama Crioula, ai nós fomos a cavalo de Itaquí a Porto Alegre entre 8 cavalarianos homenageando o Grupo dos 8 que fundou o Movimento Tradicionalista Gaúcho" (AZEVEDO, João, informação verbal, 2024).

No decorrer da entrevista, o entrevistado mencionou sua extensa experiência com cavalgadas. Ao abordar a evolução dessas práticas ao longo do tempo, ele destacou mudanças significativas, enfatizando que

“A cavalgada mudou um pouco na parte de trânsito, pois as rodovias se tornaram mais complicadas de andar e tem pessoas com pouca experiência de cavalgada que às vezes não estão preparados, pois cavalgada não é só montar e seguir troteando no costado dos outros, tem que primeiro lugar preparar o cavalo para aquilo que é a cavalgada, inclusive nós tivemos esse ano um problema quando nós fomos daqui para Alegrete; teve pessoas nas redes sociais que colocou que nós deveríamos ir a pé para não ir a cavalo e estar judiando dos animais; mas isso são pessoas mal informadas sobre a cavalgada, já que na cavalgada a gente como eu e o teu pai, e muitos outros, nós cuidamos dos cavalos o ano inteiro só pra isso, nós temos cavalos preparados para as cavalgadas, nós aonde vamos acampar nos preocupamos com os cavalos primeiros e nós em segundo plano.” (AZEVEDO, João, informação verbal, 2024).

Quanto ao significado as cavalgadas representam para ele uma forma de vida, um esporte e uma expressão da identidade gaúcha, enfatiza que “Olha a cavalgada pra mim é tudo, eu me criei no lombo do cavalo é o meu esporte, o único esporte que eu tenho é cavalgada, pois a cavalgada faz parte do gaúcho e do cavalo, são duas coisas do Rio Grande do Sul para demonstrar o tradicionalismo, o cavalo e o gaúcho são duas coisas que andam juntos.” (AZEVEDO, João, informação verbal, 2024).

A entrevistada Marly Costa é uma figura importante no movimento tradicionalista de Itaquí/RS, pois em um mundo onde a força e determinação feminina muitas vezes são subestimadas, ela trilhou um caminho único, unindo mulheres em torno da paixão pelo cavalo e pela cultura gaúcha. Ao relatar como a paixão pelo mundo equestre surgiu, relata:

“Desde cedo fui apresentada ao mundo equestre. Neta de espanhóis tive no sangue a bravura e a ânsia de conquistar sempre os novos caminhos. Aos seis anos de idade comecei a acompanhar meu pai militar nos campos de polo e hipismo. Meu pai era integrante da

cavalaria militar. Sempre mantendo contato com tradicionalistas de todas as cidades através do meu avô, Oracio do Carmo. Do extinto Curtume do Carmo hoje Barraca do Carmo em Itaqui/RS. Onde visitávamos as fazendas buscando couros, peles e lãs.”(COSTA, Marly, informação verbal, 2024).

A influência familiar foi fundamental para que Marly se conectasse com a cultura gaúcha e desenvolvesse tamanho apreço pela tradição de cavalaria, visto por ela, como um esporte que une amigos e fortalece laços. Como Marly destaca:

“Sempre buscando conhecimento, incentivando e desenvolvendo a nobre arte de cavalgar em grupos, pois eu sabia que aquilo reunia os amigos, era extremamente um ato de companheirismo e felicidade. Só quem cavalga sabe. Portanto em 2000 amadureci a ideia e decidi formar um grupo de mulheres que quisessem me acompanhar nessa trajetória. As ideias e as emoções foram tomando forma. Logo chegavam mais adeptos do nosso projeto. E logo surgiu a primeira cavalgada da mulher Itaquiense” (COSTA, Marly, informação verbal, 2024).

Marly ao final da entrevista salienta que *“A cavalgada para mim é uma missão, é uma religião. Existe uma conexão cultural afetiva e social muito intensa e interessante que movimenta os grupos desde as mais adultas às mais jovens. Buscamos a amizade e o companheirismo como principal objetivo. [Busco] Não deixar sucumbir esse movimento sendo que, fui uma das pioneiras em cavalgadas femininas no RS.”*

O entrevistado Lourenço Vargas foi criado em ambiente rural e teve seu contato com a cultura gaúcha desde a infância. Essa vivência o levou a valorizar profundamente as tradições e rituais da cultura gaúcha, sua preocupação em manter as tradições para as próximas gerações o impulsionou a dedicar anos da sua vida ao movimento tradicionalista de Itaqui/RS. Em sua fala, relembra: *“Em 1982 fui patrão do CTG Rincão da Cruz, em virtude de um movimento da juventude que estava insatisfeita com a permanência dos patrões atuais, depois em 1983 fui eleito coordenador da 3ª Região, onde foi um período muito corrido, mas gratificante para mim, [por que]isso tudo me trouxe uma felicidade, conhecimento e*

amizades, pois me deixou muito animado no movimento e segui sempre estudando e me atualizando com o movimento.” (VARGAS, Lourenço, informação verbal, 2024).

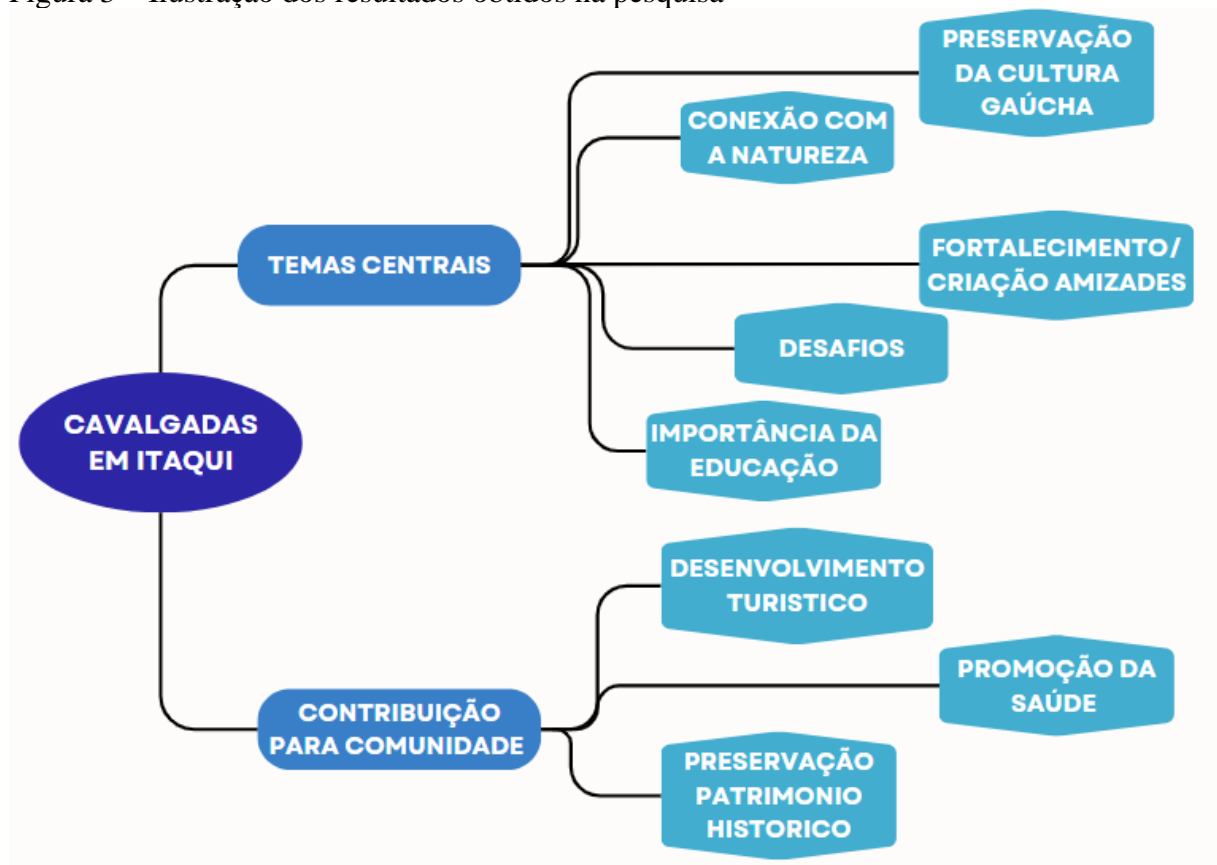
Lourenço acredita que o tradicionalismo une pessoas e que ele conquistou muitas amizades no meio tradicionalista; ao ser questionado sobre o que acha que as cavalgadas transmitem para as pessoas que participam, relata

“Eu acho que é uma motivação e preservação dos nossos costumes, por exemplo a juventude de hoje se não tivéssemos no nosso município essa amostra, eles desconheceriam um gaúcho montado a cavalo e pilchado, então a juventude precisa ver como era os antigos peões, as pessoas que trabalhavam na lida campeira, então eu acho muito salutar, inclusive aplaudi agora a quem promoveu a Cavalgada do Futuro, pois [envolve]crianças; eu pude acompanhar de perto, eles fizeram provas campeiras, crianças pequenas a cavalo, acham perigoso, mas se pega um cavalo manso e o pai e a mãe podem acompanhar, não pode é deixar sozinho, pois o animal é irracional, mas é muito salutar o evento, e outra é a Cavalgada de Conduzir a Chama crioula do Estado, da qual teu pai participa, que eu acho um espetáculo da disposição desses homens em enfrentar chuva, vento e se não tem um local apropriado, ficam no tempo e viajam expostos ao tempo, e acho que deveria estar no calendário de eventos de Itaqui já essa cavalgada, [assim como]a Cavalgada da Mulher; não se pode inventar modismos, não tem o que inventar, o tradicionalismo como disse é único ele vai permanecer então tem que obedecer.”(VARGAS, Lourenço, informação verbal, 2024).

Os resultados obtidos (Figura 3) demonstram a importância das cavalgadas na comunidade de Itaqui/RS, representando um modo de vida e uma forma de expressar a identidade cultural. A análise dos dados coletados revelou como temas centrais: a preservação da cultura gaúcha, onde a cavalgada é vista como um pilar fundamental, onde a prática de montar a cavalo, o uso do vestuário tradicional e a participação em eventos da chama crioula, fortalecem a identidade e a história da região; ressalta-se a conexão com a natureza durante longas jornadas a cavalo, sendo que os entrevistados destacaram na experiência de acampar e compartilhar momentos entre a natureza e com animais, sendo visto como uma forma genuína

de resgatar valores antigos; apresentam como importante o fortalecimento/criação de laços sociais, onde as cavalgadas são espaços propícios para amizades, a convivência em grupos e trocas de experiências, bem como, a superação de desafios em conjunto contribuem para construção de comunidade mais solidária; a importância da educação sobre a cultura gaúcha, onde o significado da cavalgada é vista como fundamental para que haja continuação dessas tradições; enfatizaram também os desafios e obstáculos enfrentados como falta de apoio e reconhecimento da necessidade de cuidados com os animais e a dificuldade em saber conciliar a tradição com a modernidade.

Figura 3 – Ilustração dos resultados obtidos na pesquisa



Fonte: Elaboração da autora.

Também foi possível observar certas contribuições para a comunidade como um todo, como o desenvolvimento turístico, apesar das pesquisas revelarem poucas ações de apoio; a cultura por si só contribui para o turismo local, atraindo visitantes que se interessam em conhecer mais sobre a cultura gaúcha e ter essa experiência única que a cavalgada proporciona; observou-se a importância da promoção da saúde, pois a prática da equitação oferece diversos benefícios à saúde física e mental dos participantes e, também, a dimensão

da preservação do patrimônio histórico da região e do Rio Grande do Sul, mantendo a memória dos pioneiros e dos costumes do passado.

Sendo assim, as entrevistas revelam que as cavalgadas em Itaqui/RS são um universo rico no qual tradição, cultura e comunidade se entrelaçam de forma singular, construindo um verdadeiro patrimônio vivo, carregado de significados e simbolismos. Pode-se afirmar que representam um “motor” para o desenvolvimento local, tanto econômico como intelectual, pois instiga a comunidade a buscar compreender a ritualização e o que instiga os cavalarianos a preservar a cultura, vivenciando de forma tão intensa o evento. Em suma, as cavalgadas são momentos de vivência da identidade cultural da comunidade que a pratica, sendo um meio de fortalecer laços comunitários e um veículo para a preservação do patrimônio cultural e natural. Diante desse cenário, nota-se que a comunidade de Itaqui deve se mobilizar para preservar cada vez mais as tradições, principalmente equestres, garantindo que as gerações futuras possam desfrutar e valorizar essa parte tão importante de sua história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, fruto da imersão da autora em diversas cavalgadas, surgiu da intenção em trazer para o espaço acadêmico, um aspecto fundamental da cultura gaúcha: o ritual das cavalgadas em Itaqui/RS. Buscou-se ainda, desvendar a complexa interação entre a identidade gaúcha, as dinâmicas territoriais e os rituais que permitem mantê-las vivas. Ao observarmos perspectivas históricas, culturais e contemporâneas, descobrimos o profundo significado das tradições equestres.

Nossa investigação revela que as cavalgadas constituem um ritual de reviver simbologias, mais do que uma atividade recreativa; elas estão enraizadas no tecido social da comunidade e funcionam como instrumento de preservação cultural. Os aspectos ritualísticos presentes nas cavalgadas, principalmente da Chama Crioula realizada anualmente, reforçam o sentimento de pertencimento dos participantes e a forte conexão existente entre gaúcho, cavalo e a terra, destacando-se o legado trazido dos antepassados e que segue como forma duradoura no modo de vida do gaúcho.

O decorrer da pesquisa revelou a natureza evolutiva da cultura gaúcha, embora o surgimento das cavalgadas tenha ocorrido em práticas históricas e por sobrevivência, elas se adaptaram aos desafios contemporâneos e continuam a moldar as identidades locais e regionais. Por isso, os achados destacam a importância de apoiar iniciativas que visem preservar as tradições, bem como, buscar fornecer recursos adequados para os eventos equestres, incluindo jovens e crianças que irão fomentar essa prática, não deixando morrer o legado deixado pelas gerações passadas.

Em conclusão, essa pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla do papel da ritualização na formação da identidade cultural; ao examinar as cavalgadas em Itaqui, destacamos a relação entre passado, presente e futuro da cultura gaúcha no município. À medida que a modernização remodela as comunidades, é importantíssimo reconhecer o valor da preservação das expressões culturais únicas. Deixo aqui uma frase escrita por Paixão Côrtes, uma figura fundamental para o tradicionalismo gaúcho, que o tradicionalismo pode se adaptar aos tempos, mas sem perder suas raízes.

O tradicionalismo é um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual. Tradição não é voltar ao passado, mas cultivar o passado (Paixão Côrtes).

Espero poder ter contribuído para demonstrar a relevância da cultura tradicionalista para a nossa sociedade e ter trazido compreensão de como as tradições equestres podem contribuir para o fortalecimento da identidade gaúcha.

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA – RS; a formação da identidade do gaúcho. **Influências**, 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0MoYsuP9KF4>. Acesso em: 4 set. 2024.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA – RS – Projeto de Lei nº 069/2024 - Visa declarar o município de Itaqui, “Berço do Tradicionalismo”. Disponível em: http://proweb.procergs.com.br/temp/PL_69_202410112024180746_jus.pdf?10/11/2024%2018:07:47. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BARROS, M. E. **Chama da tradição**: Itaqui, um berço do tradicionalismo. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/files/2021/04/chama-da-tradicao--itaqui-um-berco-do-tradicionalismo-estara-em-breve-disponivel-para-leitores.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024
- BARROS, M. E. Homenagem ao tradicionalista idealizador da Chama Crioula de Itaqui Sany Fontoura Silva. **Revista Semana Farroupilha**, p. 28, 2010.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: [s. n.], 2003.
- CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 165-180, abr. 2010.
- CONFORTIN, A.; VARGAS, L. L. G.; SANTOS, P. C. **Itaqui o portal do tradicionalismo**: cavalgada em homenagem ao sesquicentenário e às três primeiras estâncias. Itaqui, RS, 2008.
- FELDE, A. Z. **El proceso histórico del Uruguay**. Montevideo: Arca, 1967. Disponível em: <https://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/gaucha.htm>. Acesso em: 4 set. 2024.
- FREITAS, L. F. R.; SILVEIRA, R. M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Educação**, Porto Alegre, v. 27, n. 2(53), p. 263-281, maio/ago. 2004.
- GOLIM, Tau.; **A Ideologia do Gauchismo**; Porto Alegre, Ed. Tchê, 1983.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ITAQUI. **Prefeitura, História de Itaqui**. Disponível em: <https://www.itaqui.rs.gov.br/?action=estatico&eId=1>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- ISERHART. j.d. **Foto por Rafaelly Machado**.2020. Disponível em:<https://www.gaz.com.br/arte-em-desenho-oferece-janela-para-cultura-gaucha/>
- KOPP, R.; Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 14 • abril 2001 • quadrimestral;
- KOSBY, M. F.; LIMA, D. V.; RIETH, F. M. S. Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do “processo domesticatório” do gaúcho. **Horizontes Antropológicos**, Porto

Alegre, v. 23, n. 2, p. 197-223, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/9zfZszhKTZ5Tgrn7j4Z6vhm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2021.

LESSA, L. C. **O boi das aspas de ouro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

LOPES NETO, S. **Contos gauchescos**. Pelotas: Echenique e Irmão, 1912.

LUNARDI, J. **Um mito de desre-territorialização**. Erechim: Universidade Regional Integrada, 2010.

ORDEM DOS CAVALEIROS DO RIO GRANDE DO SUL. **Compromisso de cavaleiro(a): juramento**. Disponível em: <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2023/05/JURAMENTO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PAHIN, J. Entrevista concedida ao programa Paralelo Sul, TVE. TV Educativa de Porto Alegre, 28 maio 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mlb2pWz92q8>. Acesso em: 12 nov. 2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAQUI. **História Chama Crioula de Itaqui** – Semana Farroupilha de 2021 – Revista. 2021. Disponível em: https://www.itaqui.rs.gov.br/documentos_download.php?aId=839 Acesso em: 12 nov. 2024.

SARAIVA, G. **Manual do tradicionalismo**. Pelotas: Sulina, 1968.

SOARES, D. D. **Mapa mental gráfico projeto fluxograma comparativo corporativo azul**. Canva Designer. 2024.

TABELA de distribuição da Chama Crioula. Disponível em: <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2022/09/Tabela-Geracao-e-Distribuicao-da-Chama-Crioula.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

VALERIO, M. O.; OLIVEIRA, V. M. A.; BRUTTI, T. A.; SANTOS, D. T. G. O tropeirismo no Rio Grande do Sul: uma perspectiva social e cultural. **Revint: Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, 2023. Disponível em: <https://revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/revint/article/download/1036/740/5576>. Acesso em: 20 nov. 2024.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO**PESQUISA DE CAMPO – Cavalgada da Chama Crioula de Itaqui/RS 2024**

Olá, meu nome é Dianifer Dorneles estou realizando uma pesquisa sobre as cavalgadas como forma de ritualização da cultura gaúcha, na cidade de Itaqui. Gostaria de contar com sua ajuda respondendo algumas perguntas.

1. Quantos anos você tem?
 - Menos 18 anos
 - 19 a 24 anos
 - 25 a 35 anos
 - 36 a 45 anos
 - 46 a 55 anos
 - 56 a 65 anos
 - 66 ou mais anos.
2. Qual seu nome? (resposta opcional) _____
3. Qual entidade tradicionalista você representa? _____
4. O que significou para você ter participado da Cavalgada da Chama Crioula? Porque participou? _____
5. Você participa de outras cavalgadas? _____
6. De onde vem o envolvimento? _____
7. Há quanto tempo você participa? _____
8. Qual a importância para você, a figura do cavalo no evento? _____
9. Você vivencia outros tipos de eventos que envolvem a cultura gaúcha? Quais? _____
10. Na sua opinião quais os pontos positivos negativos do movimento no momento atual? _____

Fonte: autora.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE PESQUISA ORAL

PESQUISA ORAL – CAVALEIROS EXPERIENTES

- **Histórico Pessoal**

Quando o senhor começou a participar das cavalgadas?

O que lhe motivou a participar da primeira?

Como era a organização das cavalgadas daquela época?

Quais são as diferenças entre as cavalgadas de antigamente e as de hoje?

- **Visão cultural**

O que as cavalgadas significam para o senhor?

Como as cavalgadas se conectam com a cultura na sua opinião?

Quais valores são transmitidos através da cavalgada?

- **Mudanças ao longo do tempo**

Quais as principais mudanças que o senhor observou nas cavalgadas com o passar dos anos?

Como essas mudanças impactaram a sua experiência como cavaleiro?

Quais os desafios que as cavalgadas enfrentam atualmente?

- **Relações**

Como as cavalgadas influenciaram suas relações sociais?

Quais amigos mais importantes fez através das cavalgadas?

Como você acha que as cavalgadas podem contribuir para a população itaquense?